

## «««TRIBUNA DO VATE»»»

## "OS MAIS BELOS POEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA"

## BIOGRAFIA DE BOCAGE



**Manuel Maria Barbosa du Bocage** nasceu em Setúbal a 15 de Setembro de 1765 e faleceu em Lisboa a 21 de Dezembro de 1805.

Oriundo de famílias cultas e filho de um advogado, Bocage terá crescido num ambiente familiar favorável à manifestação e desenvolvimento da sua veia poética. Tendo ficado órfão aos dez anos, poderá dizer-se que o seu temperamento irreverente e insubmisso, ter-se-á exacerbado com a falta do amor materno. Em 1786 esteve na Índia (Goa e Diu) e depois em Macau, tendo regressado a Portugal em 1790. Ingressou na Nova Arcádia usando o pseudónimo de Elmano Sadino. Mas, após algumas divergências com seus correligionários e a inclusão de algumas sátiras, acabou por ser expulso. Acaba por ser preso e julgado em 1797 por desbragamento de costumes, livre pensamento e desrespeito ao Rei e à Igreja. Nesta época Portugal era um império em ruínas, agravado com a

decadência económica, onde proliferava a libertinagem cortesã, que explorava o povo humilde. A sua poesia (censurada) surgiu da necessidade de agradar ao público que pagava; e com extraordinária precisão punha o dedo na chaga social, de um país de aristocracia decadente. Seduzido pela fama e pela vida boémia, improvisava com eloquência, fascinando indivíduos de diversas classes sociais, cultos ou não, admiradores ou adversários. Desta forma evadía-se da realidade portuguesa, sem ideias próprias, sem um pensamento coerente. O seu temperamento sensual e apaixonado, levou-o a procurar no amor o equilíbrio interior. Por isso é que se terá relacionado com tantas mulheres, como se constata nas suas poesias. Erótico e libertino, lutador da liberdade, Bocage é um poeta de raríssimo talento e sonetista exemplar. É considerado o melhor poeta da sua época e um dos melhores da língua portuguesa.

## RETRATO PRÓPRIO

Magro, de olhos azuis, carão moreno,  
Bem servido de pés, meão na altura,  
Triste de facha, o mesmo de figura,  
Nariz alto no meio, e não pequeno:

Incapaz de assistir num só terreno,  
Mais propenso ao furor do que à ternura;  
Bebendo em niveas mãos por taça escura  
De zelos infernais letal veneno:

Devoto incensador de mil feidades  
(Digo, de moças mil) num só momento,  
E somente no altar amando os frades:

Eis Bocage, em quem luz algum talento;  
Saíram dele mesmo estas verdades  
Num dia em que se achou mais pachorrento.

## O AUTOR A SEUS VERSOS

Incultas produções da mocidade  
Exponho a vossos olhos, ó leitores;  
Vede-as com mágoa, vede-as com piedade,  
Que elas buscam piedade, e não louvores:

Ponderai; da Fortuna a variedade  
Nos meus suspiros, lágrimas e amores;  
Notai dos males seus a imensidade,  
A curta duração de seus favores:

E se entre versos mil de sentimento  
Encontrardes alguns cuja aparência  
Indique festival, contentamento,

Crede, ó mortais, que foram com violência  
Escritos pela mão do Fingimento,  
Cantados pela voz da Dependência.



## «JANELA DO MUNDO»

(PATRONO DE "OS CONFRADES DA POESIA".)

## SONETO DO PRAZER MAIOR

Amar dentro do peito uma donzela;  
Jurar-lhe pelos céus a fé mais pura;  
Falar-lhe, conseguindo alta ventura,  
Depois da meia-noite na janela:

Fazê-la vir abaixo, e com cautela  
Sentir abrir a porta, que murmura;  
Entrar pé ante pé, e com ternura  
Apertá-la nos braços casta e bela:

Beijar-lhe os vergonhosos, lindos olhos,  
E a boca, com prazer o mais jucundo,  
Apalpar-lhe de leve os dois pimpolhos:

Vê-la rendida enfim a Amor fecundo;  
Ditoso levantar-lhe os brancos folhos;  
É este o maior gosto que há no mundo.

## SONETO DITADO NA AGONIA

Já Bocage não sou!... À covia escura  
Meu estro vai parar desfeito em vento...  
Eu aos céus ultrajei! O meu tormento  
Leve me torne sempre a terra dura:

Conheço agora já quão vã figura  
Em prosa e verso fez meu louco intento;  
Musa!... Tivera algum merecimento  
Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a língua quase fria  
Brade em alto pregão à mocidade,  
Que atrás do som fantástico corria:

Outro Aretino fui... A santidade  
Manchei!... Oh! Se me creste, gente  
Rasga meus versos, crê na eternidade!  
[impia]